

Netanyahu diz que Israel não arrastou EUA para guerra contra o Irã

Premiê diz que não enganou ninguém e que Trump não precisou de convencimento

O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, afirmou que “não enganou ninguém” e que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, não precisou de convencimento para entrar em guerra com o Irã.

Em entrevista coletiva, o premiê iniciou com uma fala em hebraico e, em seguida, falou em inglês para a imprensa internacional. Suas primeiras palavras foram “eu estou vivo, vocês são testemunhas”, em referência a boatos de que ele teria morrido em ataque iraniano.

Netanyahu foi perguntado diversas vezes por jornalistas presentes sobre os objetivos da guerra e sobre a percepção crescente nos EUA de que Tel Aviv arrastou Washington para o conflito, em meio à elevação dos preços de combustíveis com o bloqueio do estreito de Hormuz pelo Irã e ataques no golfo Pérsico.

“Eu não enganei ninguém, e não tive que convencer o presidente Trump da necessidade de impedir que o Irã desenvolvesse seu programa nuclear, colocando ele debaixo da terra e possibilitando o lançamento de mísseis com ogivas nucleares nos EUA. Ele já entendia isso; ele me explicou, não eu para ele”, afirmou Netanyahu. “Os EUA não lutam por Israel, mas com Israel”, disse, em outro momento.

O governo e o Exército de Israel têm reforçado a profundidade da parceria entre os dois países, muito embora existam evidências



Daniel Torok/ Casa Branca

Binyamin Netanyahu reforça mudança de regime em Teerã como um dos objetivos de Tel Aviv

de que tanto operações como objetivos de ambos no conflito não estão completamente alinhados.

O mais recente deles foi o ataque ao megacampo de gás Pars Sul, gerido em parte pelo Irã, em parte pelo Qatar. Questionado sobre o assunto, Netanyahu afirmou que Israel agiu sozinho no ataque e que Trump pediu que Tel Aviv não realizasse novos ataques no local, algo que o premiê afirmou estar respeitando.

Há ainda divergências sobre os objetivos da guerra. Em meio à comunicação caótica e contraditória da Casa Branca, que tem mudado metas e avaliações sobre

o andamento do conflito, o chefe do Pentágono afirmou nesta quinta que os objetivos americanos são a destruição da Marinha, dos mísseis balísticos e capacidades de produção desse arsenal do Irã, e impedir que Teerã desenvolva armas nucleares.

Isso condiz apenas em parte com o plano de Israel delineado por Netanyahu na entrevista coletiva. Embora tenha citado o fim do programa nuclear e da capacidade de mísseis balísticos do Irã, o premiê reforçou que é parte da estratégia israelense a queda do regime e “tomada de controle” do país pela população local.

Isso era parte da retórica inicial de Trump, que chegou a aventar no início do conflito até o apoio logístico e operacional a rebeldes curdos no norte do Irã para incitar uma insurreição no país persa. No 20º dia de guerra, não se ouve mais sobre os curdos nos discursos do presidente e outras autoridades —o próprio Hegseth já afirmou que “esta não é uma guerra para mudança de regime”.

O foco dado pelo Pentágono à destruição da Marinha iraniana também se destaca das metas israelenses, muito embora o Exército judeu tenha realiza-

do ataques contra a frota persa localizada no mar Cáspio nesta quinta. Em entrevista a jornalistas, o porta-voz internacional do Exército, tenente-coronel Nadav Shoshani afirmou que foram atingidos dezenas de alvos, navios com capacidades de lançamento de mísseis, uma corveta e centros de comando e controle iranianos na região.

A Casa Branca, no entanto, mira o golfo Pérsico, prioridade em meio ao bloqueio iraniano do estreito de Hormuz e ataques dos dois lados da contenda na infraestrutura de gás e petróleo de vários países da região, que catapultaram os preços de combustíveis e já pressionam a inflação em todo o mundo.

Netanyahu aproveitou o ensejo para reforçar seus planos de redesenho do Oriente Médio, indicando que a crise no Golfo pode se transformar em vantagem a Israel no longo prazo.

“Acho que o que precisa ser feito é termos rotas alternativas, em vez de ser preciso passar por gargalos como o estreito de Hormuz e de Bab el-Mandeb [na costa do Iêmen]. Oleodutos, gasodutos para garantir o fluxo que vão em direção a oeste, pela península Arábica até Israel e direto para nossos portos no Mediterrâneo. Assim você elimina esses gargalos para sempre”, afirmou o premiê israelense.

Por Guilherme Botacini (Folhapress)

Delcy troca todo o comando militar da Venezuela

A líder interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, substituiu todos os integrantes do alto comando militar do país, um dia após demitir o ministro da Defesa, Vladimir Padrino, que esteve à frente das Forças Armadas chavistas durante mais de uma década.

A troca representa mais uma das mudanças em curso desde a captura de Nicolás Maduro na operação militar dos Estados Unidos, em 3 de janeiro. Desde então, Delcy vem removendo figuras de confiança do ditador, incluindo militares, pilar do chavismo.

Delcy indicou novos nomes para os oito cargos que compõem a cúpula. Os indicadores terão “firme compromisso e lealdade pa-

triótica de garantir a soberania, a paz, a estabilidade e a integridade territorial”, escreveu a líder interina em suas redes sociais.

A saída de Padrino, que era próximo de Maduro, era de certa forma esperada já que sua permanência no cargo era vista como uma forma de garantir a estabilidade. Ele foi substituído pelo major-general Gustavo González López.

Ex-chefe do serviço de inteligência, o Sebin, González López foi nomeado como comandante da Guarda Presidencial logo após a captura de Maduro. Na época, a decisão foi interpretada como uma manobra para neutralizar a influência do ministro do Interior, Diosdado Cabello, que re-



Presidência de Venezuela

Situação política na Venezuela ainda é conflitante

presenta hoje a maior ameaça a Delcy dentro do regime.

González López formou-se na Academia Militar em 1982. Depois, comandou a 5ª Divisão de Infantaria da Selva e a Milícia Bolivariana, uma força paramilitar criada para controlar dissi-

dentos. Ele começou a trabalhar com Delcy como chefe de assuntos estratégicos da estatal petrolífera PDVSA, cargo que ela anteriormente supervisionava como ministra da Energia.

Desde a captura de Maduro, a Venezuela passou por transfor-

mações até então impensáveis. Sob pressão de Washington, Delcy anunciou mudanças na economia, extinguiu programas sociais do chavismo e indicou nomes de confiança para o alto escalão.

Segundo especialistas ouvidos pela reportagem, há um movimento de afastamento e apagamento da figura de Maduro por parte do atual regime. Delcy promoveu uma reforma da lei de hidrocarbonetos para abrir o setor de petróleo a empresas estrangeiras, assim como uma lei de anistia para os presos políticos.

Ainda assim, a Organização das Nações Unidas denunciou na semana passada que o aparato repressivo da Venezuela permanece intacto. O regime sempre negou violações dos direitos humanos contra a sociedade civil e a oposição política, bem como as acusações de corrupção dentro das Forças Armadas.

Por Manoella Smith (Folhapress)